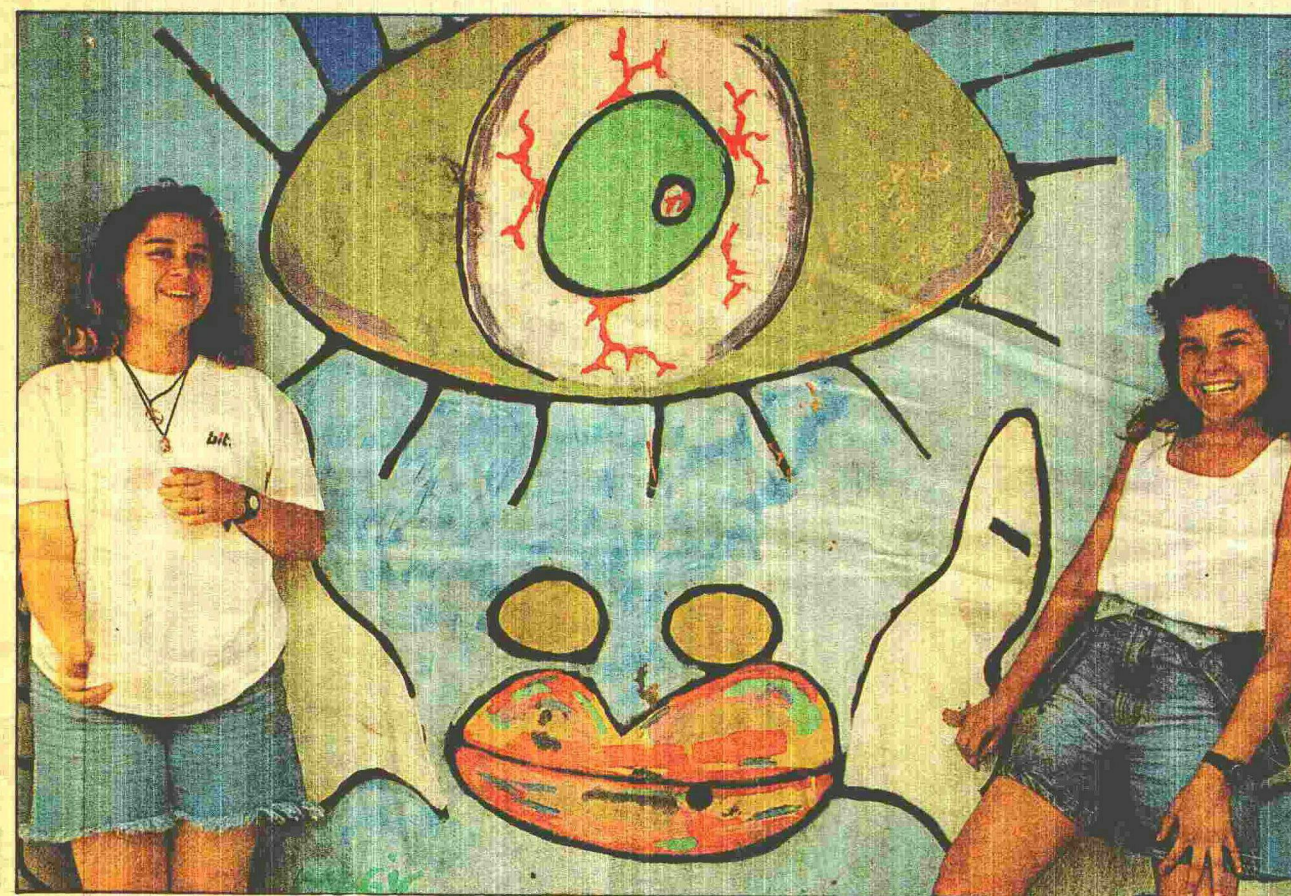




Rosa, do Colégio Experimental da Lapa: "Vale a pena qualquer sacrifício para estudar aqui"



As estudantes Michele e Estéfala: acusações mútuas prejudicam alunos e escola

Professores interessados e a atuação da APM parecem ser o grande segredo das escolas de sucesso, como a conhecida Escola Experimental da Lapa, a EEPG Edmundo de Carvalho. Além do primeiro grau, ela oferece um dos cursos de Magistério mais disputados de São Paulo. Este ano, por exemplo, cerca de 600 candidatos vão disputar as suas 90 vagas. Em 1990, os candidatos eram 265. "Muitos dos candidatos vêm da rede privada", orgulha-se a diretora, Elaine de Moura. Essa escola tem autonomia para contratar seus próprios professores. "Quem dá aulas aqui tem interesse real pela escola", explica Elaine. Para fazer o curso de Magistério, que é dado em período integral e paga um salário mínimo como ajuda de custo aos inscritos, os alunos não medem esforço. "Acordo às 5 horas para chegar no horário", conta

Rosa Maria dos Santos, que mora em Caieiras. "Mas vale a pena."

Os grandes atrativos da EESG Albino Cesar, do Tucuruvi, Zona Norte de São Paulo, além do ensino, são as quatro quadras poliesportivas e a sua piscina, luxo que muitas escolas particulares não oferecem. Mais uma vez, o esforço e a participação dos pais têm importância fundamental. "Sem a APM, a piscina estaria seca", acredita o professor de Educação Física Walter Gosdzinski. É o dinheiro da APM que mantém também o teatro e os laboratórios da escola em funcionamento.

A Albino Cesar é tão equipada quanto as boas escolas particulares. Por isso, Fabiana Moreira Cortizo, que veio de uma escola particular, não sentiu tanta diferença. "Quando soube que meu pai não poderia mais pagar a mensalidade e

Marcelo, Evelyn, Fabiana e Márcia, da Albino Cesar: Educação Física com piscina e quatro quadras



Governo diz que vai recuperar as suas escolas

Até o final de seu mandato, em 1995, o governo do Estado de São Paulo pretende recuperar o prestígio das 6 mil escolas públicas do Estado. Para isso, a partir do próximo ano começa a adotar uma série de medidas, entre as quais a extensão do tempo de permanência dos 6 milhões de alunos da rede na sala de aula, instituição de uma tabela de gratificações para os professores que se dedicarem exclusivamente à escola, criação de centros de treinamento e aperfeiçoamento para o corpo docente, autonomia financeira para os colégios e o uso de satélite e TV na educação. "Com isso, vamos mudar radicalmente as escolas", acredita o secretário da Educação, Fernando Moraes. "Até o final do governo Fleury, só não vai estudar na rede pública quem não quiser", aposta ele. "Haverá uma escola em cada esquina e, o mais importante, com padrão semelhante ao oferecido pelas particulares", promete. As mudanças devem começar no próximo ano e serão feitas de forma gradativa. A princípio, 300 escolas serão beneficiadas. Até 1995, três mil escolas farão parte do programa. Das 300 unidades que sofrerão mudanças em 1992, 200 são da Grande São Paulo. "No Interior o ensino público é melhor do que na Capital", assegura Fernando Moraes. Para a seleção das escolas que entram no programa, foram usados dois critérios: deu-se preferência às mais carentes, principalmente àquelas situadas na periferia, e às que atendem a uma grande demanda de alunos.



Sandra, Andréa, Marcos e Rogério: felizes no Américo de Moura

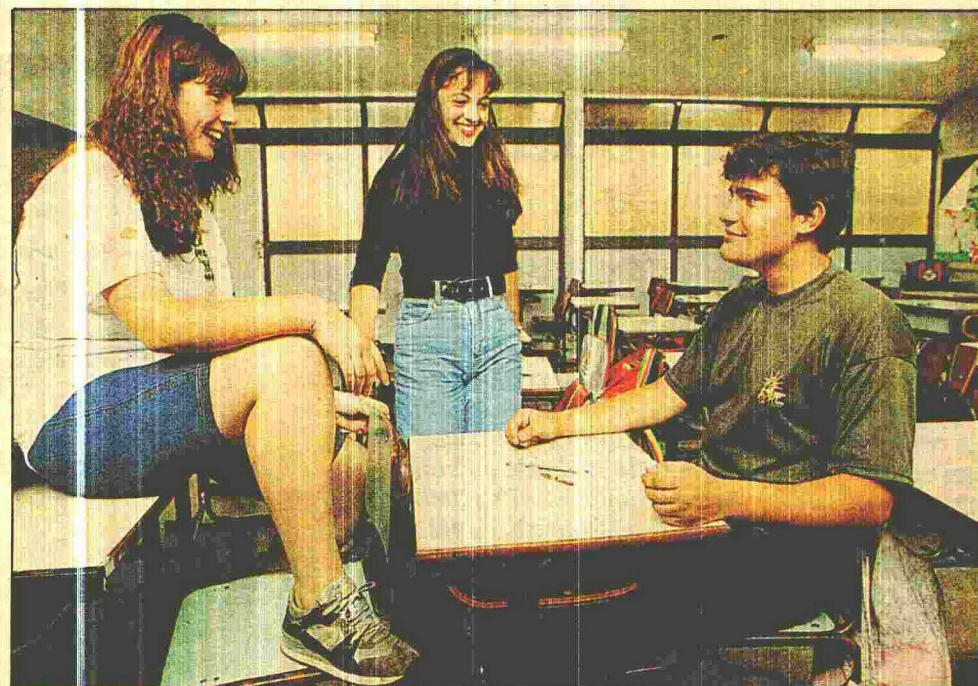
Pública, mas com qualidade

São poucas as escolas estaduais que nada ficam devendo aos colégios particulares

ROSE GUIRRO

As escolas públicas, todo mundo sabe, não andam bem das pernas. Mas, assim como existem colégios particulares ruins, também existem alguns exceções na rede pública. Em São Paulo, por exemplo, há um seleto grupo de escolas que é disputadíssimo. Este ano, com a crise econômica, a procura por esses estabelecimentos vai ficar ainda mais acirrada. É fácil entender o porquê. Além de não cobrarem mensalidades, eles oferecem um ensino de primeira.

Esse é o caso, por exemplo, da Escola Estadual de Segundo Grau Brasília Machado, localizada na Vila Mariana. Uma das mais bem equipadas, ela tem um laboratório de Informática com oito microcomputadores à disposição dos estudantes. "Os micros são antigos e, às vezes, dizemos que são pr-históricos", brinca a assistente da diretoria, Ana Yano. "Mas esse laboratório é muito melhor do que nada", acredita.



Sueli, Kelly e Luciano, alunos da 8ª série no Augusto Ribeiro de Carvalho: bons professores

Para proporcionar todas essas regalias aos estudantes, o Brasília Machado não tem nenhuma fórmula secreta e nem recebe qualquer verba por fora da Secretaria Estadual da Educação. "O nosso bom desempenho é consequência de uma Associação de Pais e Mestres (APM) atuante e do esforço dos professores e funcionários", revela a diretora da escola, Hiromi Shibata. Essas associações recolhem dos pais uma taxa, não obrigatória, no início do ano — atualmente Cr\$ 5 mil por aluno — e têm o direito de explorar as cantinas e de promover festas. O dinheiro arrecadado é aplicado na escola.

"Nossos laboratórios foram montados com a verba da APM, sem ela não teríamos nada", explica Hiromi. Quanto aos professores e funcionários, a maioria está há mais de 20 anos no Magistério e tenta manter na escola o mesmo nível de antigamente. "Eles fazem horas extras sem receber nada, apenas para manter a tradição da escola", emociona-se Hiromi.

Professores mais antigos ainda se esforçam para manter um bom nível de ensino